

CORPOS EM ALTERIDADE: SILÊNCIOS E RESISTÊNCIA

BODIES IN ALTERITY: SILENCES AND RESISTANCE

CUERPOS EN ALTERIDAD: SILENCIOS Y RESISTENCIAS

Marco Antonio Villarta-Neder (UFLA)
villarta.marco@ufla.br

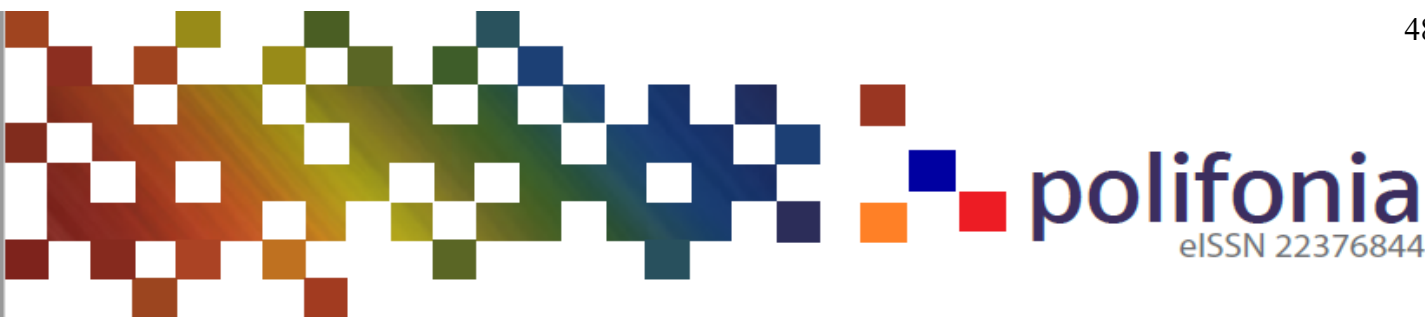
Resumo

Utilizaremos neste artigo o referencial teórico-epistemológico-axiológico do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Um de seus fundamentos é a questão da alteridade, a qual é mutuamente constitutiva: a personalidade falante é produto das interações sociais. Tanto sua vivência interior, quanto sua expressão exterior, constituem um “território social”. Tais sujeitos, nessa dimensão dialética e dialógica entre o interior e o exterior de sua presença, participam das relações do/no mundo, na/pela linguagem, pelo diálogo entre arquitetônicas. (eu-para-mim, outro-para-mim, eu-para-o-outro). As relações de compreensão e de consciência intersubjetiva passam inevitavelmente pelas fronteiras entre o interior e o exterior que estão dinamicamente assinaladas pelos corpos dos sujeitos. Objetiva-se, neste artigo discutir e analisar a) a constituição intersubjetiva e alteritária desses corpos na corrente dos enunciados, tratando os corpos como signos desses enunciados e b) os silêncios que participam dessa corrente enunciativa de corpos, na unidade dos acontecimentos concretos e únicos. Para isso, será analisada a corrente enunciativa de enunciados verbivocovisuais em que tais corpos se constituem enunciativamente como réplicas de resistência pelos silêncios. O *corpus*, composto por um filme publicitário produzido como campanha de conscientização sobre a pandemia do Coronavírus para a Prefeitura Municipal de Teresina, será analisado a partir de uma metodologia dialógica e dialética, por meio do cotejo entre os elementos dos enunciados. A descoberta principal da discussão é a percepção de alguns tipos de silêncio, que em diálogo com dizeres, fazeres, compreensões e outros silêncios, constituem-se como resistência. Aponta-se, nesse artigo, também, para a conclusão de que os corpos (físicos e simbólicos) podem ser analisados enquanto elementos enunciativos sob um enfoque bakhtiniano.

Palavras-chave: Alteridade, silêncio, corpos.

Abstract

In this article, we will use the theoretical-epistemological-axiological framework of the Circle of Bakhtin, Medviédev and Volóchinov. One of its foundations is the question of otherness, which is mutually constitutive: the speaking personality is the product of social interactions. Both their inner experience and their outer expression constitute social territory. Such subjects, in this dialectical and dialogical dimension between the interior and exterior of their presence, participate in the relations of / in the world, in / through language, through the dialogue between architectonic ones. (me-to-me, another-to-me, me-to-the-other). The relations of understanding and intersubjective consciousness inevitably pass through the boundaries between the interior and the exterior that are dynamically marked by the bodies of the subjects. This article aims to discuss and analyze a) the intersubjective and alterative constitution of these bodies in the utterances' chain, treating the bodies as signs of these utterances and b) the silences that participate in this enunciative chain of bodies, in the unity of concrete and unique events. For that, enunciative chain from verbivocovisual utterances will be analyzed in which such bodies are enunciatively constituted as replicas of resistance by silences. The *corpus*, composed of one video play, produced as an awareness campaign about the Coronavirus pandemic for the Municipality of Teresina will be analyzed from a dialogical and dialectical methodology, by comparing the elements of the utterances. The main discovery of the discussion is the perception of some types of silence, which in dialogue with sayings, actions, understandings and other silences, constitute resistance. The article



also points to the conclusion that bodies (physical and symbolic) can be analyzed as enunciative elements under a Bakhtinian approach.

Keywords: Alterity, silence, bodies

Resumen

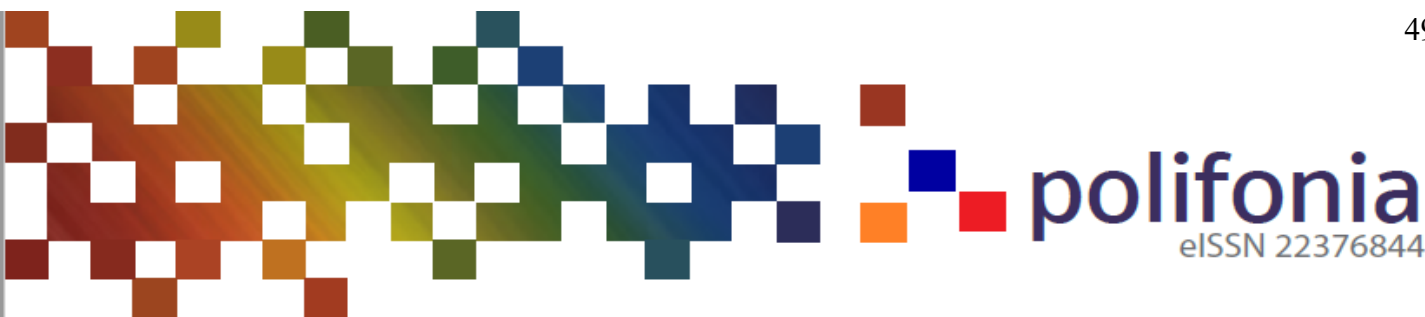
Utilizaremos en este artículo el marco teórico-epistemológico-axiológico del Círculo de Bajtin, Medviédev y Volóchinov. Uno de sus fundamentos es la cuestión de la otredad, que es mutuamente constitutiva: la personalidad que habla es el producto de las interacciones sociales. Tanto su experiencia interna como su expresión externa constituyen territorio social. Dichos sujetos, en esta dimensión dialéctica y dialógica entre el interior y el exterior de su presencia, participan en las relaciones de / en el mundo, en / a través del lenguaje, a través del diálogo entre los arquitectónicos. (yo-a-mí, otro-a-mí, yo-a-el-otro). Las relaciones de comprensión y conciencia intersubjetiva inevitablemente pasan a través de los límites entre el interior y el exterior que están marcados dinámicamente por los cuerpos de los sujetos. Este artículo tiene como objetivo discutir y analizar a) la constitución intersubjetiva y alterativa de estos cuerpos en la cadena de declaraciones, tratando los cuerpos como signos de estas declaraciones y b) los silencios que participan en esta cadena enunciativa de cuerpos, en la unidad de eventos concretos y únicos. Para ello, se analizará la corriente enunciativa de las declaraciones verbivocovisuales en las que dichos cuerpos se constituyen enunciativamente como réplicas de la resistencia por los silencios. El corpus, compuesto por un video publicitario, producido como campaña de concientización sobre la pandemia de Coronavirus para el Municipio de Teresina se analizará a partir de una metodología dialógica y dialéctica, mediante la comparación de los elementos de las declaraciones. El descubrimiento principal de la discusión es la percepción de algunos tipos de silencio, que en diálogo con dichos, acciones, entendimientos y otros silencios, constituyen resistencia. El artículo también apunta a la conclusión de que los cuerpos (físicos y simbólicos) pueden analizarse como elementos enunciativos bajo un enfoque bajtiniano.

Palabras-clave: Alteridad, silencio, cuerpos.

1. Ponto de Partida

Falar de corpos é uma proposta de adentrar uma senda labiríntica de possibilidades de análise. Quando se escolhe trilhar um desses caminhos, qual seja refletir sobre corpos enquanto linguagem, em relações de compromisso ético, este viés requer pensar esses corpos em relação. Relação com outros corpos, com sua(s) história(s), com as concepções a partir das quais são tomados, tanto como conceitos, signos, quanto como ações políticas, ideológicas, identitárias.

No âmbito deste artigo focamos esse olhar a partir do referencial teórico-epistemológico-axiológico do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov (CBMV daqui em diante). Tal designação sintetiza um efervescente movimento de vários dos grupos de estudos, discussão e de produção acadêmica e artística desenvolvidos por vários intelectuais russos, notadamente no período entre 1919 e 1929. Mikhail Mikhailovitch Bakhtin circulava entre todos esses grupos e



sobreviveu a todos os demais membros, cuja maioria faleceu em meados dos anos 1930. A redescoberta de textos e da própria figura intelectual de Bakhtin no início dos anos 1960 permitiu a reedição, a edição de originais inéditos dele e dos dois outros colegas (Valentin Volóchinov e Pável Medviédev).

Já desde seu primeiro texto publicado (*Arte e Responsabilidade*, em 1919), Bakhtin postula a indissociabilidade da arte, da ciência e da vida. E é na unidade da responsabilidade que vê a possibilidade de um nexos interno entre os elementos do sujeito. Nas obras seguintes, ficará claro que, tanto para Bakhtin quanto para Medviédev e para Volóchinov, esse sujeito somente tem como se constituir na relação com outro sujeito, posicionado em outro lugar. Como Bakhtin discute em vários dos seus textos, somente de um lugar distanciados, o sujeito pode ver-se de fora¹. Ocorre que cada sujeito se constitui mutuamente com outro que lhe permite esse lugar possível de atribuir-se acabamento, inteireza²

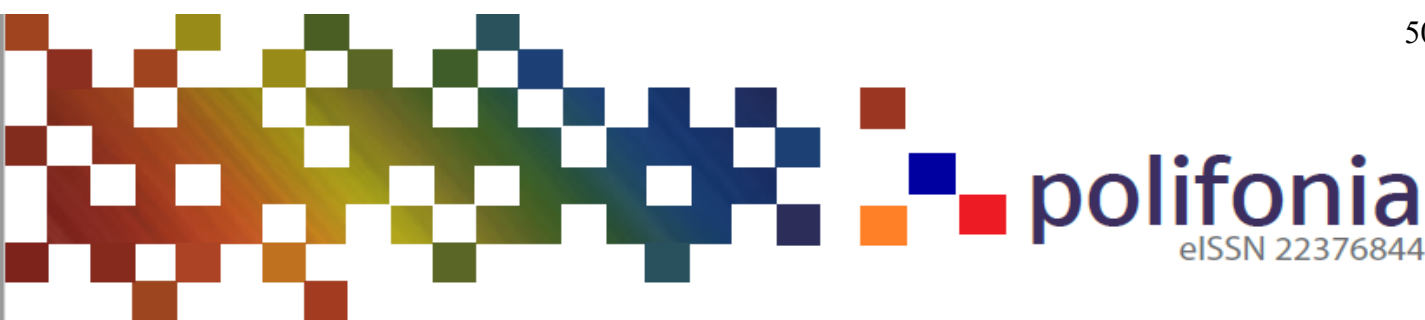
Volóchinov (2019, p. 211) afirma que a personalidade falante é “inteiramente um produto da inter-relações sociais” e que, tanto sua vivência interior, quanto sua expressão exterior, constituem um *território social*. É nesse território social a partir dessa dimensão constitutivamente intersubjetiva que os sujeitos se constituem, ética e esteticamente. Tais sujeitos, nessa dimensão dialética e dialógica entre o interior e o exterior de sua presença no mundo, participam das relações do/no mundo, na/pela linguagem, pelo diálogo entre arquitetônicas.

São essas arquitetônicas (o *eu-para-mim*, *outro-para-mim*, *eu-para-o-outro* – BAKHTIN, 2014³), enquanto processo de construção da percepção de si e do outro, de si pelo outro, do outro a partir de si, do outro a partir do outro e do próprio acontecimento que congrega esses sujeitos (*arquitetônica ampla* – VILLARTA-NEDER, 2019a), que se fazem presentes nos acontecimentos

1 A palavra russa *внеаходимость* (vnienakhodimost) é traduzida como *distância*, *extralocalização* e *exotopia*. É composta pela preposição *вне* (vnie), que designa movimento de fora para dentro; pelo verbo imperfectivo *находить* (nakhodít), que apresenta os significados de *encontrar*, *achar*, *ver*; *-мость* (-most) que é um sufixo nominal. Pode ser entendido como um “*estar vendo-se de fora*”.

2 Em russo (*полнота* - *polnota*)

3 Ambas as traduções de *Para uma filosofia do Ato Responsável* (*К Философии Поступка — К Философии Поступка*) disponíveis em português são traduções indiretas (uma da edição norte-americana e outra da edição italiana). Para as citações neste artigo nos baseamos na tradução italiana, com edição bilíngue (russo/italiano), com cotejos com a edição norte-americana.



concretos e únicos que se encadeiam no Grande Tempo⁴. As relações de compreensão e de consciência (intersubjetiva: de si e do outro) passam inevitavelmente pelas fronteiras entre o interior e o exterior que estão dinamicamente assinaladas pelos *corpos* dos sujeitos. Este trabalho tem como objetivos discutir e analisar a) a constituição intersubjetiva e alteritária desses corpos na corrente enunciativa, tratando os corpos como signos desses enunciados e b) os silêncios (na concepção de VILLARTA-NEDER, 2019a) que participam dessa corrente enunciativa de corpos, na unidade dos acontecimentos concretos e únicos.

É sob esse escopo que pretendemos analisar e discutir um filme publicitário sobre o isolamento social em relação ao enfrentamento da pandemia provocada pelo vírus covid-19. Esse filme, que constitui o *corpus* é foi produzido para uma campanha de conscientização sobre a necessidade do isolamento social da Prefeitura Municipal de Teresina, no Estado do Piauí⁵. Tal filme será analisado enquanto corrente de enunciados verbivocovisuais (PAULA; SERNI, 2017 e STAFUZZA; LIMA, 2017). Dessa perspectiva, os diversos sistemas sónicos (que, aqui, consideramos como sinônimos de semioses) são entendidos como inextricavelmente entrelaçados.

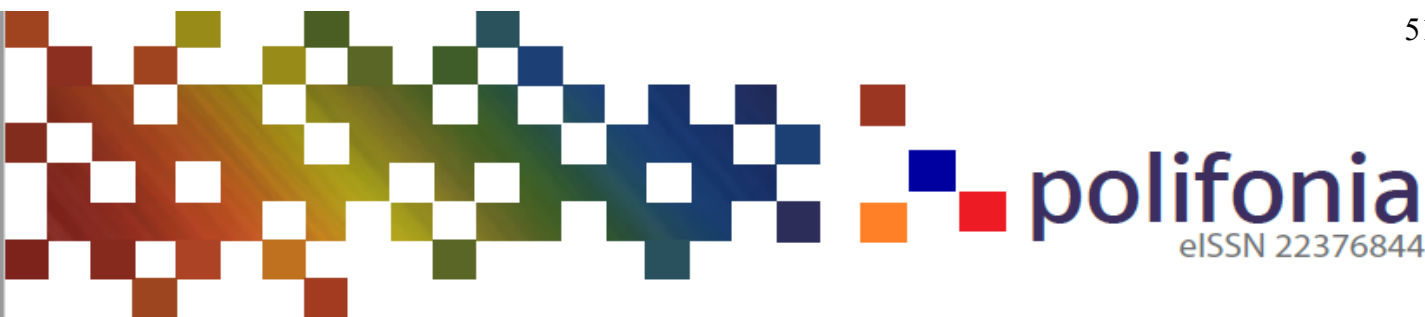
Para desenvolver essa discussão mobilizaremos os conceitos bakhtinianos de arquitetura (BAKHTIN, 2014, 2011, 2010, 1993), enunciado (VOLÓCHINOV, 2019; BAKHTIN, 2011; VILLARTA-NEDER, 2019b), silêncio (VILLARTA-NEDER, 2019a), corpos (BAKHTIN, 2010; MCCAWE, 2019). Pretendemos discutir os corpos em duas instâncias em *continuum* (interno e externo a cada uma dessas instâncias): (1) corpos em um *continuum* de presença/ausência e (2) de visibilidade/invisibilidade. Vamos relacionar os elementos verbivocovisuais⁶ presentes nos filmes publicitários com a presença/ausência das pessoas nas ruas no isolamento social decorrente do enfrentamento da pandemia da covid-19.

2. Pés de apoio no campo teórico-epistemológico-axiológico

⁴ Tradução de *большое время* (bolchóe vrêmia), conceito bakhtiniano que alude à não possibilidade de início e fim da corrente enunciativa

⁵ Disponível em <https://youtu.be/x3eZcmkxbo> Acesso em 30 maio de 2020.

⁶ Esse conceito será explicitado mais adiante no texto.



Um (bom) desafio dentro do campo do CBMV é dimensionar as discussões a partir das considerações do projeto do primeiro texto escrito por Bakhtin, que se intitula na tradução para o português como *Para uma filosofia do ato responsável*. Primeiro projeto de Bakhtin, como uma de três etapas na consecução de uma filosofia moral, acaba não tendo prosseguimento nos moldes iniciais.

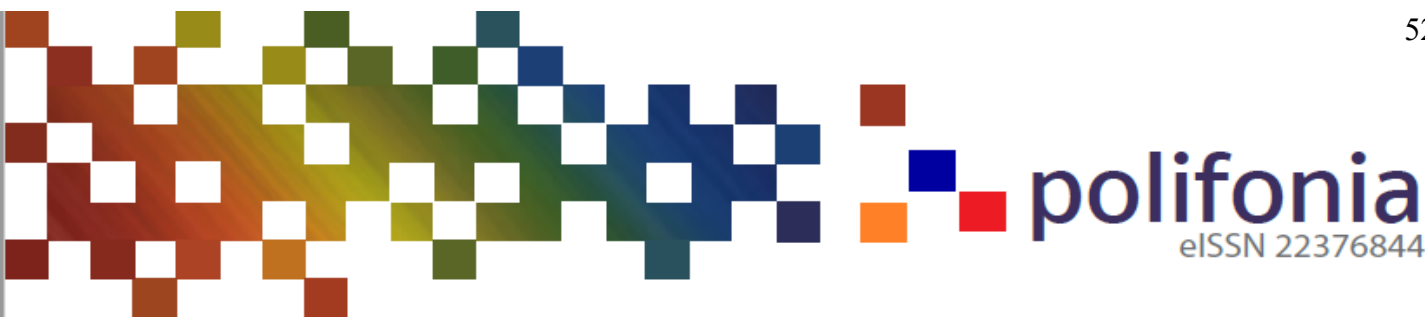
No entanto, o viés filosófico esboçado em *Arte e Responsabilidade* e desenvolvido inicialmente em *Para uma filosofia do ato responsável* continua embasando concepções – que se aperfeiçoam – nas obras seguintes. Há que se fazer uma observação importante. Se para o estudioso das condições em que tais obras e conceitos foram gestados importa a ordem de escrita, do ponto de vista conceitual, epistemológico e axiológico cabe balizar essa visão com a publicação/recepção das obras bakhtinianas.

Os leitores de Bakhtin e de outros autores do CBMV, do ponto de vista editorial, foram recebendo as obras em outra ordem e com mediações diferentes por conta de traduções diversas, em línguas diferentes. Essa perspectiva que olha retrospectivamente para esses momentos iniciais da produção bakhtiniana tem a vantagem de permitir ver entremeios, frestas conceituais, concepções subjacentes. Esse preâmbulo é importante para abordarmos, um pouco adiante, a questão dos corpos sob o prisma do olhar x presença.

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin apresenta a sua arquitetônica:

Mas estes mundos concretos-individuais, irrepetíveis, de consciências que realmente agem (*поступающих сознаний*) – das quais, como componentes reais, se compõe também o unitário e singular existir-evento – feitos dos componentes comuns: não no sentido de conceitos ou de leis gerais, mas no sentido de momentos comuns de suas arquitetônicas concretas. É esta arquitetônica do mundo real do ato (responsável) que a filosofia moral deve descrever, não como um esquema abstrato, mas como um plano concreto do mundo do ato unitário e singular, os momentos concretos fundamentais da sua construção de sua disposição recíproca. Estes momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do real mundo do ato (*действительного мира поступка*): valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também aqueles éticos e sociais) e, enfim, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido (*содержательно-смысловые*) tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, outro, e eu-para-o-outro (BACHTIN, 2014, p. 128-129).⁷

⁷ Tradução nossa, a partir do texto italiano, com cotejos com o texto russo, na mesma edição e com a edição norte-americana da tradução de Vadim Liupanov do russo para o inglês. Cf o texto italiano, em questão:



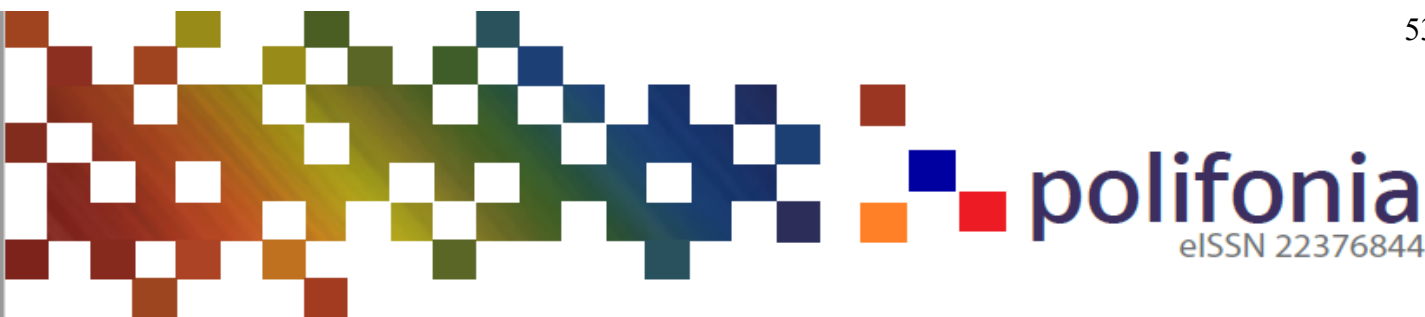
Bakhtin frisa a necessidade, do ponto de vista de seu projeto de filosofia moral (mas que constitui a tônica de toda a reflexão do CBMV), de se trabalhar com o *plano concreto do mundo*. Nesse plano, com sujeitos se constituindo mutuamente, é que as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido ocorrerão. O que vamos defender neste artigo é que não faz sentido, a partir da discussão bakhtiniana, pensar os corpos fora dessa concretude e desse circuito de mútuas representações⁸.

McCaw, quando discute o conceito de corpos no interior dos textos de Bakhtin, aponta diferenças entre as concepções de corpo em *Para uma filosofia do ato responsável*, *Estética da Criação Verbal* (no capítulo *A forma espacial da personagem*) e em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. Considera que nos primeiros textos Bakhtin tem ainda uma concepção um tanto estática de espaço e que se corre o risco, na leitura desses textos, de pensar exclusivamente o corpo a partir do olhar. Essa visão não é impeditiva ou restritiva em relação ao que ele considera como relevante no campo bakhtiniano para a discussão sobre o corpo:

Eu poderia defender que suas teorias estéticas e éticas têm pouco a dizer de importante sobre a operação do corpo humano. Todavia, elas trazem o argumento mais amplo de que, enquanto entes encarnados, tempo e espaço não são categorias abstratas, mas a substância da vida que vivenciamos. Dessa maneira, considero que seu pensamento tem muito a oferecer a qualquer um que trabalhe na performance ao vivo (uma arte do tempo). Outro ponto importante diz respeito ao papel do outro como contador de histórias. Bakhtin defende que outra pessoa pode ver o significado e o valor daquilo que faço melhor que eu mesmo (MCCAW, 2019, p. 52).

Ma questi mondi concreto-individuali, irripetibili, di coscienze che realmente agiscono – di cui, come da componenti reali, sí compone anche l’unitario e singolare esistere-evento – hanno dele componenti comuni: non nel senso di concetti o di leggi generali, ma nel senso di momenti comuni delle loro concrete architettoniche. É questa architettonica del mondo reale dell’altro che la filosofia morale deve descrivere, non come uno schema astratto, ma come il piano concreto del mondo dell’altro unitário e singolare, i momenti concreti fondamentali dela sua costruzione e della loro disposizione reciproca. Questi momenti fondamentali sono: io-per-me, l’altro-per-me e io-per-l’altro; tutti i valori e i rapporti spazio-temporali della vita reale e della cultura si dispongono intorno a questi punti architettonici fondamentali del reale mondo atto: valori scientifici, estetici, politici (inclusi anche quelli etici e sociali) e, infine, religiosi. Tutti i valori e i rapporti spazio-temporali e di contenuto-senso tendono a questi momenti emotivo-volitivi centrali: io, l’altro, e io-per-altro (BACHTIN, M. M. Per uma filosofia dell’atto responsabile, 2014, p. 128-129)

⁸ Para isso, recorreremos, também, à extensão feita por Villarta-Neder (2019a, p. 76) do conceito de arquitetura: “Os sentidos se produzem na tríade e na arquitetura ampla (eu-para-mim, eu-para-o-outro, outro-para-mim, acontecimento-para-mim, acontecimento-para-o-outro, acontecimento, com todas as recursividades possíveis.”



Iniciar nossa discussão por esses aspectos importa para alguns elementos centrais do que pretendemos analisar. Vamos, em primeiro lugar, a essa suposta distinção entre olhar (para) o corpo e agir com(o) corpo.

Tomar o corpo como participante de um sistema sógnico implica visitar, antes, o campo do CBMV em relação aos fundamentos teóricos, epistemológicos e axiológicos em relação a essa questão. O ponto central é a noção de enunciado⁹. Para Bakhtin

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (BAKHTIN, 2016, p. 29)

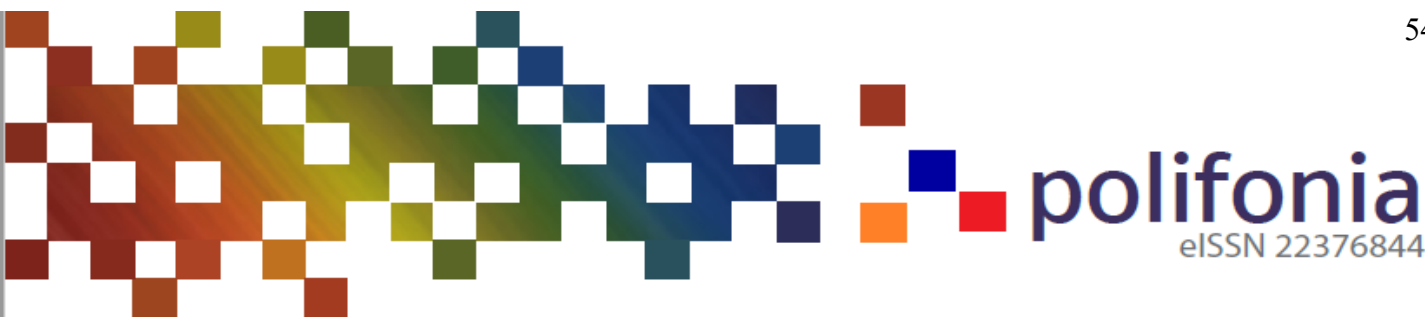
Essa concepção de enunciado/enunciação perpassa os trabalhos do CBMV e implica, de um lado, uma axiomática fundada no devir e na alteridade e, de outro, institui uma metodologia, um cotejo (ou correlação¹⁰). Torna-se condição para a análise essa alternância dos sujeitos do discurso, pela comparação/correlação de um enunciado com seus outros (anteriores e posteriores, de outros sujeitos). A questão, normalmente, suscitada, é se é possível aplicar a outros sistemas sógnicos os conceitos do CBMV. Para tocar nesse ponto, cabe citar Volóchinov:

Ao observar o processo de formação desses pequenos gêneros cotidianos, não é difícil notar que a comunicação discursiva, na qual eles surgem e ganham acabamento, é composta por dois momentos: o enunciado do falante e a compreensão do enunciado pelo ouvinte. Essa compreensão sempre contém elementos de uma resposta. Em condições normais, sempre concordamos ou não concordamos com aquilo que ouvimos. Habitualmente, respondemos a todo enunciado do interlocutor, se não com palavras, ao menos com gestos: o movimento das mãos, o sorriso, o balanço da cabeça etc. É possível falar que toda comunicação ou interação discursiva ocorre na forma de uma *troca de enunciados*, isto é, na forma de um *diálogo*. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 272 – destaques do autor russo)

Este trecho do texto de Volóchinov, além de reiterar a citação anterior, aponta, ainda, dois aspectos importantes. Ao encaminhar a noção de enunciado para o conceito de *diálogo*, central do

9 Cabe lembrar que a palavra russa *высказывание* designa o processo de enunciar, o que abrange, ao mesmo tempo o processo (enunciação) e o produto (enunciado) em relação a outras teorias sobre enunciado.

10 *Соотнесение* (*sootnessenie*)



referencial do CBMV, também traz a presença de outros sistemas sógnicos no circuito do enunciado. Nesse caso, em particular, faz alusão a gestos e movimentos do corpo.

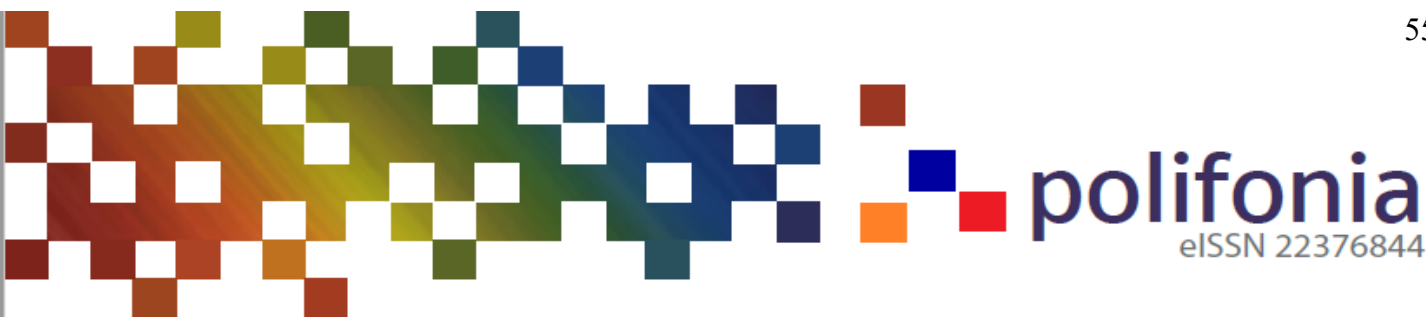
O conceito de enunciado tem sido lido por alguns autores do campo bakhtiniano como um circuito que abrange não somente dizeres, silêncios e compreensões (aspectos que já são considerados por Volóchinov e Bakhtin), mas também fazeres. Na própria citação acima, é fácil deduzir-se essa instância. Concordar ou não com o enunciado que provém de outro sujeito é um fazer, que se materializa por outro dizer, pelo silêncio ou somente pela compreensão responsiva ativa. Villarta-Neder (2019a) explicita essas dimensões ao entender enunciado:

[...] como um *continuum*, no interior do qual dizer se torna um fazer, um fazer se torna compreensão, um silêncio se torna um dizer e assim por diante. Essa dinamicidade está, obviamente, relacionada ao posicionamento espaço-temporal (cronotópico) dos sujeitos que se alternam na comunicação discursiva. O dizer de um sujeito é um fazer como ato (*postupok*) em relação a si e ao outro, sendo que o outro responde a esse dizer com um silêncio que é também um ato, mas que é igualmente uma compreensão ao dizer/ato do sujeito antecedente para quem o outro sujeito responde com esses enunciados de compreender silenciosamente. Tal concepção de enunciado, que amplia o escopo conceitual e epistemológico para situar enunciados que envolvam diversas semioses e variadas instâncias da linguagem, na produção dos sentidos e constituição dos sujeitos, ampara-se, também, na visão de Volóchinov, estendendo-a. (VILLARTA-NEDER, 2019b, p. 1662)

Tal compreensão do conceito encontra amparo também em reflexões de Bakhtin. Podemos citar uma, especialmente, em *O Problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*. Diz Bakhtin:

Será possível encontrar para ele [o ser humano] e para a sua vida (trabalho, luta etc.) alguma outra abordagem senão através dos textos sógnicos já criados ou em criação por ele? Será possível observá-lo e estudá-lo como fenômeno da natureza, como coisa? A ação física de um ser humano deve ser compreendida como um posicionamento, mas não se pode compreender essa atitude fora de sua possível (recriada por nós) expressão sógnica (motivos, propósitos, incentivos, graus de consciência etc.) (BAKHTIN, 1979, p. 308 – 309 – tradução nossa¹¹)

¹¹ Cf. o trecho original: Можно ли найти к нему и к его жизни (труду, борьбе и т. п.) какой-либо иной подход, кроме как через созданные или создаваемые им знаковые тексты. Можно ли его наблюдать и изучать как явление природы, как вещь. Физическое действие человека должно быть понято как поступок, но нельзя понять поступка вне его возможного (воссоздаваемого нами) знакового выражения (мотивы, цели, стимулы, степени осознанности и т. п.). (BAKHTIN, 1979, p. 308 - 309)



E, mais diretamente ainda, quando postula que a “atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos).” (BAKHTIN, 2011, p. 312)

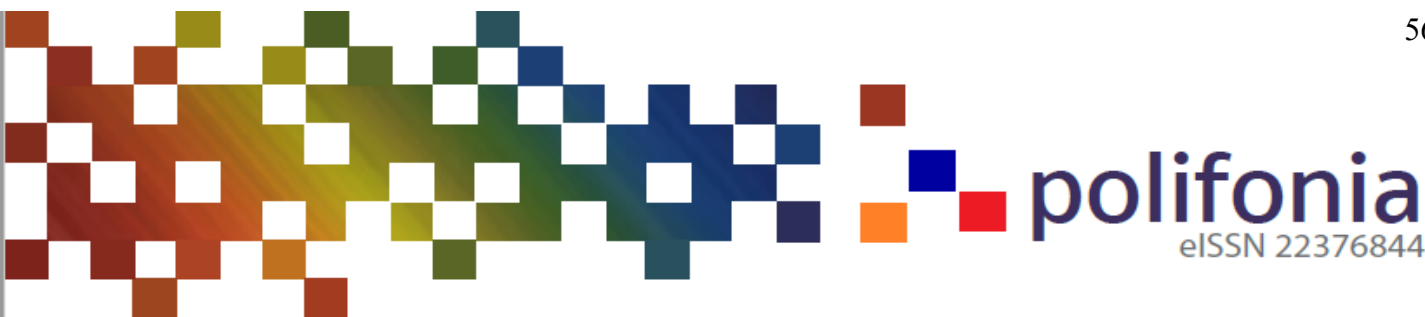
Essa concepção de enunciado coaduna-se com a concepção de verbivocovisualidade. Tal conceito, desenvolvido por Paula e Serni (2017) (com pontos de contato com o conceito de verbocovisualidade, de STAFUZZA; LIMA, 2017), pressupõe a coexistência de vários sistemas sígnicos no âmbito do enunciado:

O termo verbivocovisual foi cunhado por James Joyce e utilizado de maneira metafórica por Décio Pignatari para tratar da linguagem da poesia concreta. Também se utiliza aqui a expressão de maneira metafórica, pois ela não só abarca como explícita as dimensões constituintes da linguagem, como pensada pelo Círculo de Bakhtin. A verbivocovisualidade diz respeito ao trabalho, de forma integrada, das dimensões sonora, visual e o(s) sentido(s) das palavras. O enunciado verbivocovisual é considerado, em sua potencialidade valorativa. (PAULA; SERNI, 2017, p. 179-180)

Tal concepção, que vê de maneira integrada e entrelaçada o conjunto de semioses envolvidas avizinha-se de outras perspectivas teóricas que também partem dessa assunção. A semiótica da cultura, conhecida também como Escola de Tartu-Moscú, cujo representante mais conhecido é Iuri Lotman tem com uma de suas premissas um entendimento parecido. É o que relata Volkova Américo, quando relata as propostas do programa da IV Escola de verão, realizada em 1974:

A premissa inicial é de que toda atividade humana de produção, troca e armazenamento de informação possui certa unidade. Embora alguns sistemas sígnicos representem as estruturas organizadas de forma imanente, eles funcionam apenas na unidade, apoiando-se um no outro. Nenhum dos sistemas sígnicos possui um mecanismo que lhe conceda um funcionamento isolado. (VÓLKOVA AMÉRICO, 2012, p. 166)

A essa altura da discussão, podemos ter clareza de que, além de já haver alusões a outros sistemas sígnicos e ao silêncio nos autores do CBMV, outros autores e outros referenciais também apesentam um olhar semelhante. Por fim, para virarmos a página com relação aos pressupostos teóricos da discussão que empreendemos, resta explicitar a noção de silêncio com a qual estamos trabalhando.



Assumimos, aqui, a conceituação feita por Villarta-Neder (2019a):

Uma instância enunciativa do (des)*continuum* da arquitetônica intersubjetiva, na unidade do acontecimento. O silêncio é uma fronteira espaço-temporal (cronotópico), constitutivo da linguagem. É o espaço e tempo de os sujeitos se saberem sujeitos, enunciando sujeitos, enunciando para outros sujeitos na unidade do acontecimento. Um cronótopo que permita a escuta de si como outro, do outro, e da relação de si com o outro [...] Uma escuta compreensiva, responsiva e responsável, como réplica, na cadeia enunciativa. (VILLARTA-NEDER, 2019, p. 82)

O autor estabelece quatro categorias de funcionamento do silêncio, que se inter-relacionam: *ausência*, *excesso*, *não-aparição* e *monumento*. Cada uma dessas categorias coocorre com as demais, numa relação de preponderância, em um processo contínuo, que se estabelece a partir das posições dos sujeitos envolvidos no acontecimento concreto, em mútua constituição.

Para o autor, tais categorias são conceituadas assim:

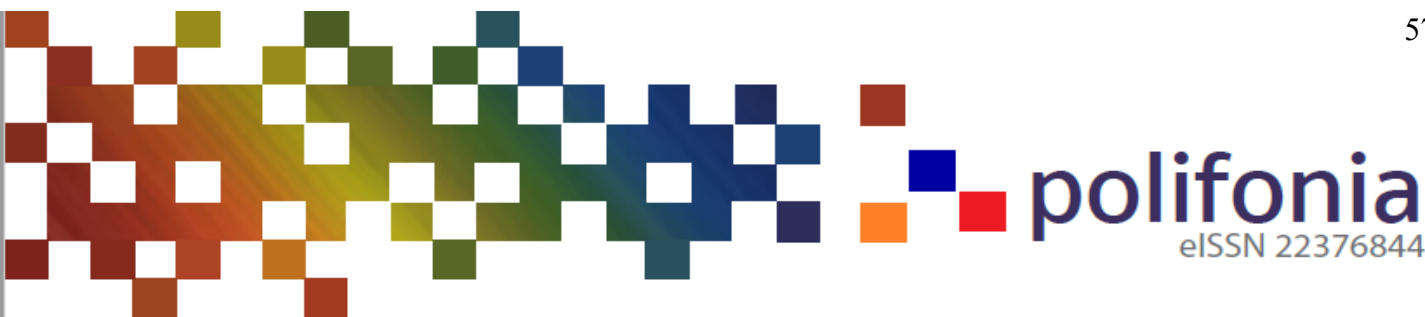
Silêncio por ausência – preponderância, no *continuum* enunciativo, de um cronótopo caracterizado pela ausência de um signo sobrepondo a presença de outro, como atitude enunciativa de segredo, omissão, esquecimento, apagamento.

Silêncio por excesso - preponderância, no *continuum* enunciativo, de um cronótopo caracterizado pela presença de um signo sobrepondo a presença de outro, como atitude enunciativa de digressão, mentira, evasão, distração.

Silêncio por não-aparição - preponderância, no *continuum* enunciativo, de um cronótopo caracterizado por um lugar indeterminado, situação na qual o sujeito não produz signos e não representa o lugar de si, o lugar do outro, o acontecimento e/ou a interação de si com o outro na unidade do acontecimento. Cronotopicamente a temporalidade prolonga a suspensão dessa representação. Atitude enunciativa de nonsense, não-saber.

Silêncio como monumento – preponderância, no *continuum* enunciativo, de um cronótopo caracterizado por um lugar recursivamente representado como mesmo, sobrepondo um signo recorrente em sua forma, sobrepondo o saber sobre si, sobre o outro, sobre o acontecimento e sobre a interação com o outro no acontecimento. Cronotopicamente a temporalidade repete-se como recusa do movimento constitutivo dos sujeitos. Atitude enunciativa de recusa do outro, do sentido do outro e da constituição de si pelo outro; censura, cerceamento da fala e/ou da posição enunciativa do outro (VILLARTA-NEDER, 2019, p. 82-84 – destaques do autor).

Entendemos que essa conceituação é relevante para a discussão ora desenvolvida porque permite analisar os corpos enquanto enunciados que respondem a outros enunciados (seja como outros corpos, como fazeres desses corpos, como ausência deles ou como a própria compreensão desses corpos, seja em presença, seja em ausência). A relação presença/ausência, pensada dialética e cronotopicamente a partir da categorização acima, no nosso entender, fornece elementos



compatíveis epistemológica e axiologicamente com o referencial bakhtiniano e com os objetivos da presente análise.

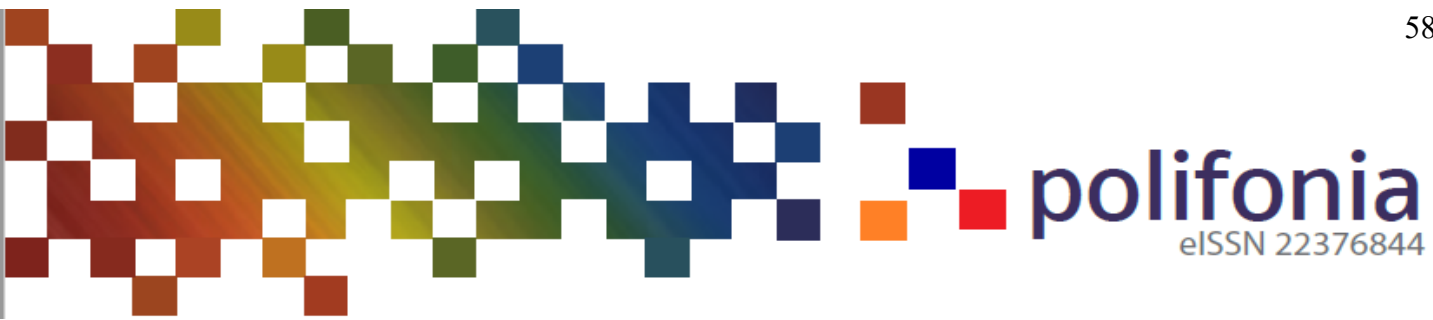
3. Entre a visão e a ação dos corpos

Uma crítica por vezes feita à maneira como Bakhtin faz a discussão sobre os corpos, notadamente no que, editorialmente, veio a ser o segundo capítulo do volume *Estética da Criação Verbal (A forma espacial da personagem)*, é a de que Bakhtin trata dos corpos exclusivamente da perspectiva da visão. Há uma implicação axiológica importante, nesse caso, porque poderíamos estar diante de uma inconsistência com a discussão realizada, de um lado, em *Para uma filosofia do ato*, e de outro, pelas obras subsequentes, principalmente naquelas feitas em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* e em *Teoria do Romance*.

Da perspectiva que adotamos aqui, não nos parece assim. Obviamente, há desenvolvimento e revisão de conceitos (um dos textos em que isso mais se evidencia são nas anotações de Bakhtin feitas durante várias décadas e que são organizadas como os *Apontamentos de 1970-1971*, constituindo parte do volume *Estética da Criação Verbal*). No entanto, vamos ponderar que, mesmo quando Bakhtin trata da contemplação, como ato estético, como em qualquer outro ato (entendido como *postupok*, como ato responsável, respondível) não há álibi. Ao contemplar esteticamente, seja inclusive pelo olhar que dá acabamento/inteireza a um corpo, esse ato é realizado a partir do lugar único que esse sujeito ocupa no mundo. Esse sujeito também só se pode atribuir acabamento a partir de um “estar vendo-se de fora”, de uma distância que estica o seu lugar até o lugar do outro, dialeticamente, de onde pode se ver por inteiro. Esse lugar único, concreto e singular ocorre na concretude de um acontecimento (*sobytie*¹²) único, irrepetível. E é no encadeamento com outros momentos, em outras posições, que essa constituição mutuamente constitutiva dos sujeitos irá fazer sentido; irá, enquanto território social entre ambos, se fazer consciência.

Portanto, o olhar é, também, um ato (responsável), uma atitude (outra maneira de traduzir *postupok*). Nessa dimensão abordada por Villarta-Neder (2019a) de relação de instâncias do enunciado (dizeres, fazeres, compreensões, silêncios), esse olhar requer ser analisado *em relação*

12 *Событие*.



aos outros elementos da corrente enunciativa: a que outros olhares ele responde? (enquanto fazer). Ou a que dizeres, compreensões ou silêncios? Que outros olhares, dizeres, compreensões ou silêncios eles provocam? O que essas réplicas indiciam sobre os lugares que esses sujeitos ocupam para (se) olharem desse jeito? Continuando o raciocínio: quais são os sentidos, em um dado acontecimento de falar sobre o outro em sua ausência (portanto sem que ele esteja disponível, enquanto corpo, à presença espacial e temporal e ao olhar) ou em sua presença?

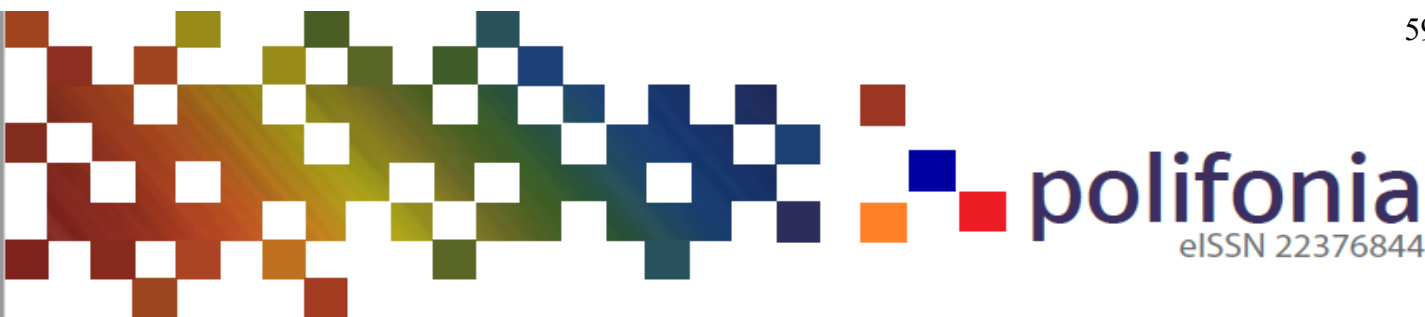
Outra questão é a da temporalidade. Mesmo antes de desenvolver a noção de cronótopo, a partir da visão que o biólogo Ukhtomsky tinha baseado na Teoria da Relatividade de Einstein, Bakhtin trata (estamos fazendo alusão ao capítulo *A forma espacial da personagem*) do lugar do sujeito nessa relação dialética de interioridade/exterioridade. Não há como se pensar em algo/alguém ocupando um espaço se não houver uma *duração*. A própria existência do espaço, seja físico, seja axiológico, está fadada a uma permanência, ainda que breve, numa duração no tempo. No caso do olhar, se não houver a luz que faz o trajeto do objeto (no sentido de foco do olhar) para o olho físico, não há possibilidade de visão. Essa noção de espaço é uma consequência de mudança de um lugar meramente físico para uma possibilidade de ocupação do espaço¹³.

Em outras palavras: a partir das discussões sobre espaço feitas por Kant, por filósofos neokantianos e pela efervescência das teorias físicas e matemáticas na transição do século XIX para o século XX, consideramos pouco concebível que Bakhtin ignorasse essa relação do espaço com o tempo. Pode servir de argumento nessa direção, por exemplo, esse trecho:

[...] A contraposição espacial e temporal do objeto – eis o princípio do *meu horizonte*; os objetos não me rodeiam, não rodeiam meu corpo exterior em sua presença e em sua concretude axiológica, mas a mim se contrapõem como objetos do meu propósito de vida ético-cognitivo no acontecimento aberto e ainda arriscado da existência, cujo sentido, valor e unidade não são dados mas sugeridos (BAKHTIN, 2011, p. 89 – destaques do autor russo).

13 É o que Albert Einstein discute na sua apresentação para o livro de Max Jammer, *Conceitos de espaço*. Diz o físico alemão:

“Estes dois conceitos de espaço podem ser contrastados da seguinte maneira: o espaço (a), como propriedade posicional do mundo de objetos materiais, e o espaço (b), como continente de todos os objetos materiais. No caso de (a), o espaço sem um objeto material é inconcebível; no caso de (b), um objeto material só pode ser concebido como existente no espaço; assim o espaço passa a ser uma realidade, em certo sentido, superior ao mundo material.” (EINSTEIN, 2010, p. 11-12).



Podemos perceber nesse trecho que não somente Bakhtin pensa a relação do espaço em correlação com a temporalidade, mas que também pensa esse espaço de constituição dos sujeitos como um devir, a partir de uma concepção arquitetonicamente construída em relação ao outro, ainda que esse outro seja o próprio sujeito em um momento/espaço futuro.

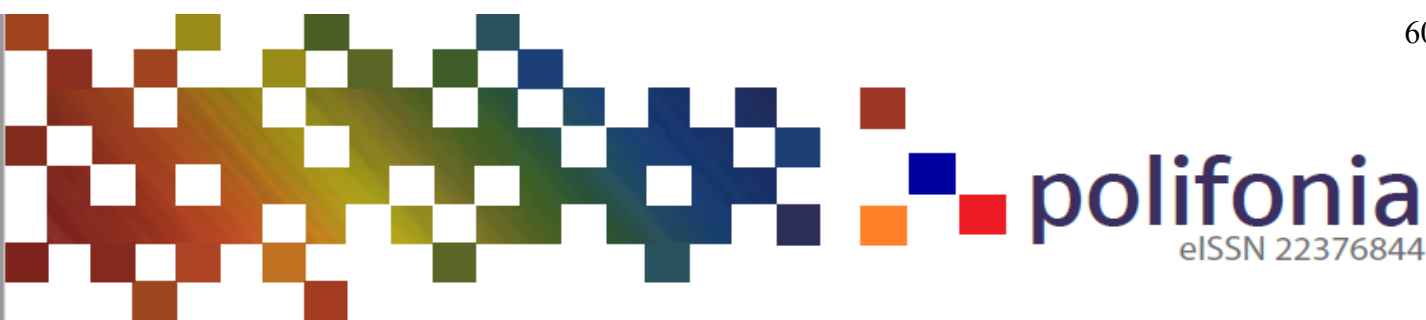
Um último aspecto dessa questão do olhar em relação à ação. Bakhtin, em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, a partir do romance rabelaisiano, enfatiza o corpo grotesco, que se destaca pelas protuberâncias e orifícios que marcam sua exterioridade, nas secreções e nos excrementos. É interessante considerar – como provocação – que o olho (fisiologicamente entendido) é uma circunscrição de uma cavidade que se apresenta por um *continuum* de secreções. Do humor vítreo para o humor líquido e para a lágrima, há uma contenção fluida dessas secreções para se controlar o foco, a sensibilidade à luz, ao brilho, aos matizes e cores. Embora não seja apresentado assim, conceitualmente a caracterização dessas fronteiras transgredientes do corpo poderia sem exageros ser aplicada aos olhos, e, no que tange à visão, algo da obscenidade das funções do baixo corporal só ocorre na medida em que não somente as funções fisiológicas do corpo se apresentam públicas, seja pela presença do corpo, seja, também, pela visualização do exercício dessas funções.

4. Pondo os pés na estrada: silêncios e resistências

Partiremos, agora, para a análise e discussão do *corpus*. Seleccionamos um filme publicitário sobre o isolamento social na pandemia da Covid-19. Intitulado “O que é pior – isolamento social ou coronavírus”, foi produzido pela Fundação Municipal de Saúde, da Prefeitura Municipal de Saúde de Teresina, no Piauí.

O vídeo da Prefeitura de Teresina¹⁴ tem 1 minuto e 59 segundos. São entrevistados três pessoas que personificam posições contrárias ao isolamento social. São feitas duas perguntas. A primeira é “Na sua opinião, o que é pior, o isolamento social ou o coronavírus?”. Todos os três respondem que, na opinião deles, é o isolamento social. Dão argumentos econômicos e empresariais. Ao final da justificativa de cada um, no palco do auditório, é feita a segunda pergunta: “Com o fim

¹⁴ Disponível em <https://youtu.be/x3eZcmkxbo> Acesso em 30 maio de 2020.

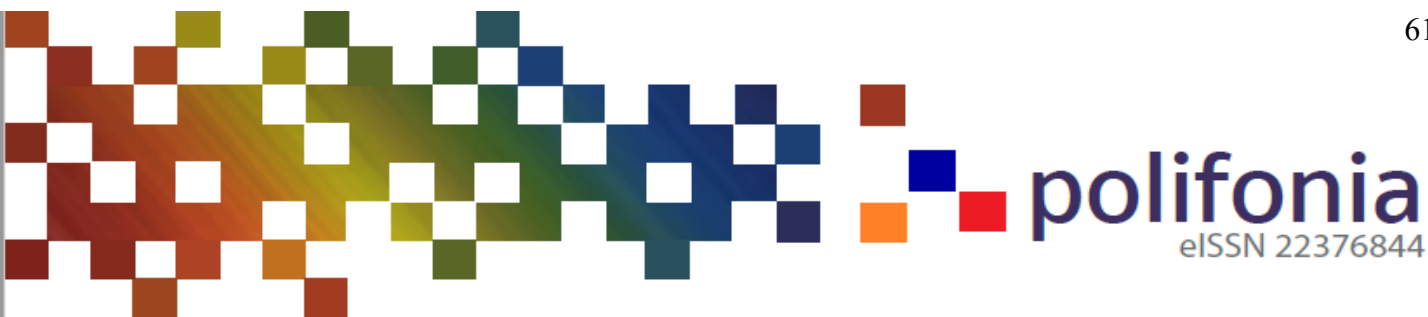


do isolamento social e o colapso do sistema de saúde. Se houvesse apenas um leito de UTI disponível, qual dessas pessoas você salvaria?” Nesse momento, no palco, atrás do lugar em que os entrevistados estão sendo filmados, há três pessoas, para cada entrevistado. É mostrado um entrevistado de cada vez, que se vira e vê as pessoas para responder à segunda pergunta. Em todos os casos, são familiares dos entrevistados. Cada um dos entrevistados se emociona e repensa seu posicionamento. Enquanto a locução faz o fechamento do filme, aparecem ao fundo cenas de cada um dos entrevistados abraçando seus familiares.

Em primeiro lugar, do ponto de vista do enunciado, temos duas compreensões sobre o enfrentamento da pandemia da Covid-19. Uma, que se mostra favorável ao isolamento social, até que os governos consigam preparar os sistemas de saúde, ao mesmo tempo que a curva de contaminação se mantenha menor, a ponto de esses sistemas de saúde conseguirem atender tanto aos casos de Covid-19, quanto aos demais problemas de saúde que demandem hospitalização e, principalmente, que demandem vagas de UTI, especialmente com a disponibilidade de respiradores mecânicos. A outra compreensão, que se mostra desfavorável ao isolamento social, é que a contaminação é inevitável, e que seria melhor deixar que as pessoas contraíssem a doença e se imunizem. E que o isolamento social traria prejuízos econômicos para os países e para as pessoas, o que seria – supostamente – pior do que os efeitos da pandemia.

A primeira compreensão responde a enunciados de saberes médicos, que levam em conta o desconhecimento do grau de contaminação do vírus, um subtipo de coronavírus até o momento não conhecido. Responde também à já adquirida experiência clínica de rápida contaminação e rápida evolução para letalidade, principalmente de pessoas com comorbidades.

A segunda compreensão responde, entre outros, a enunciados advindos de saberes produzidos em teorias da conspiração, visões negacionistas do conhecimento científico e visões religiosas de características de um saber mágico. Estamos entendendo aqui saber mágico como aquele que acredita em manifestações milagrosas de entidades, divindade(s) ou em um conhecimento supostamente profético com relação a tratamentos ou curas da doença fora (e contra) os saberes médico-científicos.



Do ponto de vista da arquitetônica, buscando-se entender o enunciado como um todo que, em sua concretude, congrega sujeitos que se coconstituem, há alguns elementos importantes para destacarmos.

As equipes autorais dos filmes publicitários têm representações de seus lugares bem diferentes, em cada um dos casos. No filme da Prefeitura de Teresina, o sujeito institucional Poder Público Municipal se vê no ato ético de sensibilizar/esclarecer a população da cidade com relação aos riscos de um colapso no atendimento hospitalar. Para isso, contrapõe-se aos enunciados que são da posição contrária, pelo fim do isolamento social. O vídeo da Prefeitura de Teresina vê seu auditório social como pessoas que podem ser afetadas não somente pela doença, mas por uma decisão devastadora do ponto de vista moral (escolher qual membro da família vai para UTI, já que pode não haver vagas para todos), já que, em última instância, decidir quem vai viver, é, ao mesmo tempo, decidir quem vai morrer.

Do ponto de vista verbivocovisual, o filme da Prefeitura de Teresina se constrói pela alternância de planos e ângulos. O filme começa com plano geral, abrangendo todo o ambiente do auditório onde é realizado. Aparecem cenas de preparação, com a equipe de filmagem preparando os equipamentos – e usando máscaras no rosto, para se proteger e proteger os entrevistados.



Figura 01 – Filme PMT-PI – preparação da equipe

Na primeira pergunta, inicialmente a câmera fica na lateral, em close (aproximação do rosto) e depois o entrevistado é visualizado de frente, em plano médio (metade superior do corpo).

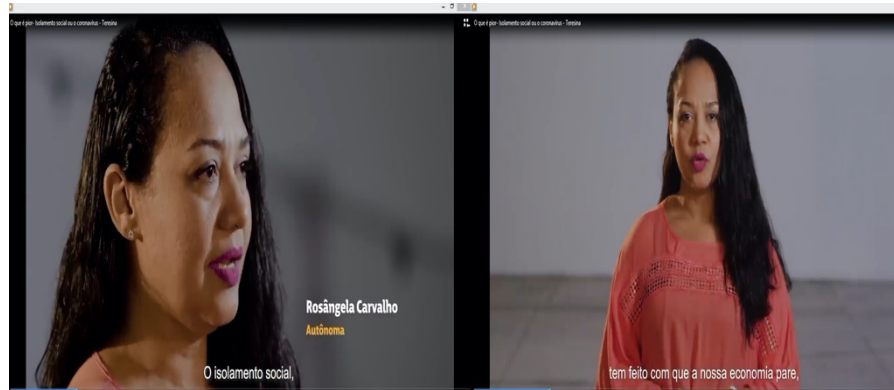


Figura 02 – Filme PMT-PI – entrevista. Pergunta 1

Após a fala de cada entrevistado, há um box com notícias que se contrapõem aos argumentos utilizados:



Figura 03 – Filme PMT-PI – contraponto. Resposta 1 – Entrevistado 1

Na segunda pergunta, quando o entrevistado prepara-se para responder, escolhendo uma das pessoas e tem o choque de se deparar com pessoas da sua própria família, são utilizados planos mais abertos para mostrá-lo em face da difícil escolha e planos mais fechados na resposta dele, pela impossibilidade da escolha e pela emoção/impacto que tem na situação.

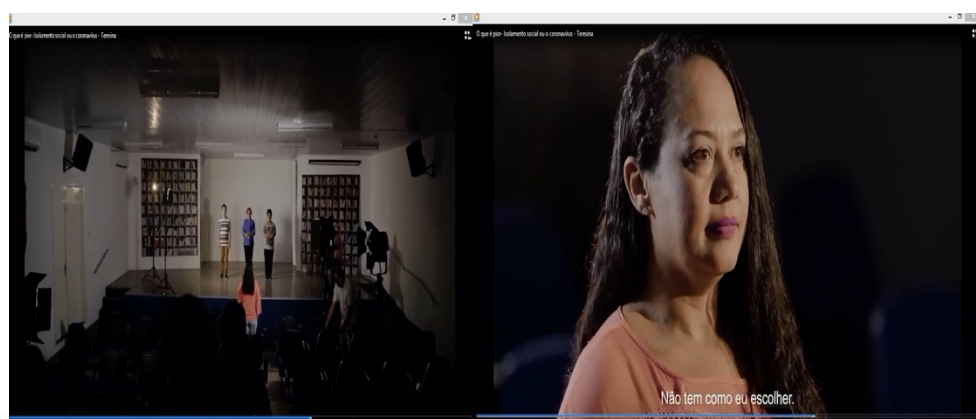




Figura 04 – Filme PMT-PI – Pergunta 2 e reação

A música de fundo é de um certo suspense, com uma melodia plangente, mas contida. Somente no final há uma locução, juntamente à música de fundo (um pouco mais lenta, enfatizando a dramaticidade) e close nos rostos dos entrevistados, com a construção do enunciado, sequenciadamente “Isolamento social é ruim. Pior ainda é perder quem a gente ama.” Essa composição sincrética, verbivocovisual, é construída como uma convergência de materialidades sógnicas que propõem em resposta/réplica enunciativa o impacto necessário para a pretendida conscientização a respeito da importância do isolamento social. As figuras imagéticas dos corpos dos familiares, conjuntamente com a dramaticidade dos planos visuais, da música e do estilo da locução.

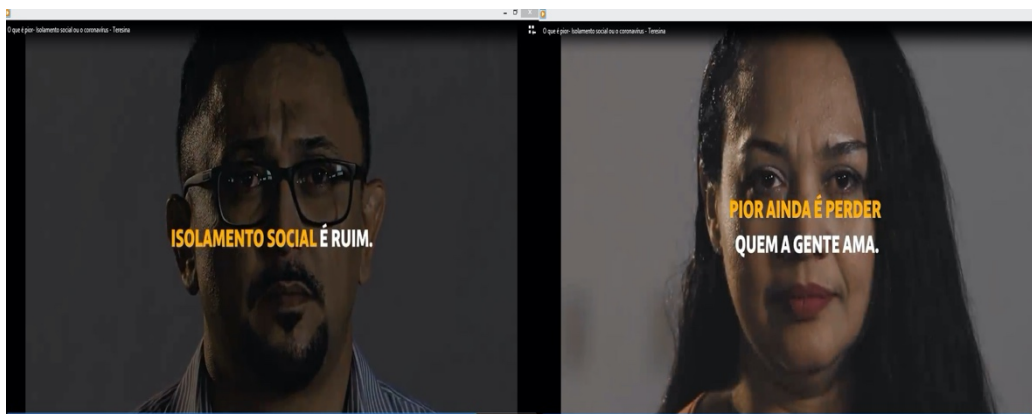
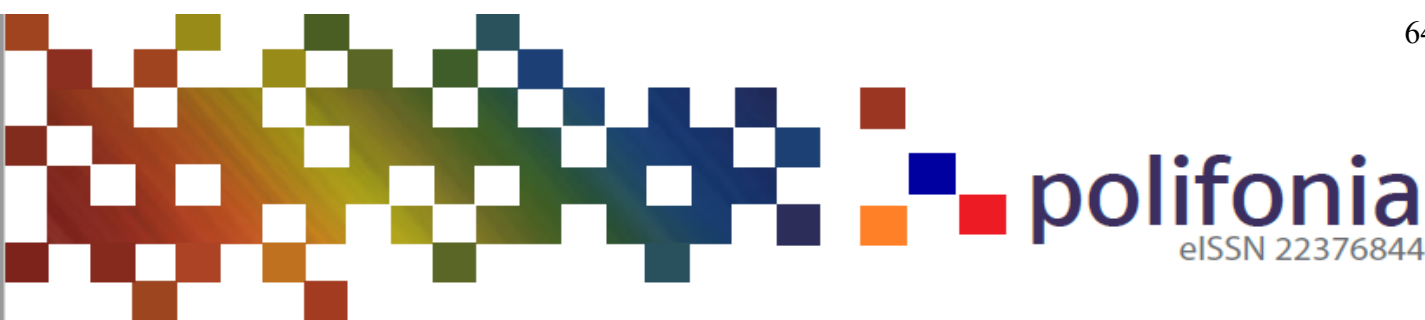


Figura 05 – Filme PMT-PI – Fechamento

Do ponto de vista da arquitetura ampla, a equipe autoral do filme tem uma representação a respeito do acontecimento e de como cada sujeito produz sentidos sobre ele. Estabelece-se um encadeamento de acontecimentos (pandemia, isolamento social, colapso do sistema de saúde, escolha de quem ficará com a vaga de UTI)

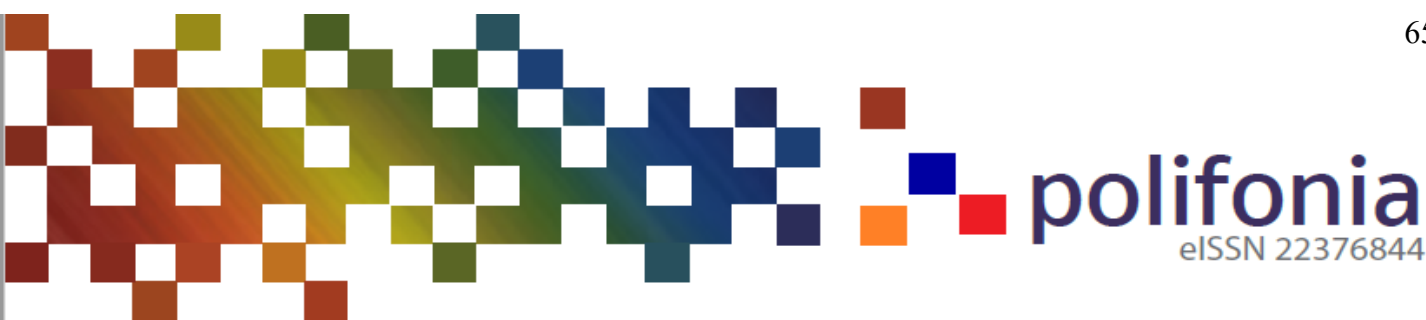


Do ponto de vista verbivocovisual, a ausência dos corpos dos familiares dos depoentes no momento das falas iniciais, em contraponto à presença deles, posteriormente, constitui, em primeiro lugar, um elemento imagético tridimensional para os personagens e um elemento imagético fílmico para o espectador. Para esse, a voz embargada (de surpresa), a expressão facial e o contato físico (por meio do abraço nos familiares, filmado com som em off). Do ponto de vista da dinâmica de anterioridade e posterioridade da corrente enunciativa, é na relação com as perguntas feitas aos entrevistados que se torna possível construir sentidos de surpresa e de impacto.

A divisão em duas questões (a primeira, em caráter geral, perguntando sobre a importância que cada depoente atribui ao isolamento social; a segunda, personalizando a escolha potencial de quem seria atendido, dada uma provável saturação das vagas de leitos hospitalares). Essa segunda pergunta, personalizando a escolha, constitui-se como réplica (continuativa da primeira) e coexiste (como acontecimento, já que em russo o termo *sobyítie* designa tanto o acontecimento/evento, quanto a condição de construção conjunta).

Paralelamente, há a incidência dos planos visuais construídos pela escolha do enquadramento (plano fechado no depoente, na primeira pergunta, sem música de fundo e alternância sequencial de plano fechado – close do depoente e plano geral no palco com os familiares ao fundo, com música de fundo, na continuidade), a montagem com uma continuação de locução lenta e fundo musical plangente, propõem como resposta do espectador uma reavaliação, pelo impacto. Funciona como uma modalização intensificadora da emoção e da surpresa de cada depoente.

Do ponto de vista dos silêncios, dentro da corrente do enunciado, há algumas considerações a serem feitas. Se pensarmos na arquitetônica do filme publicitário, estabelece-se uma réplica de um enunciado favorável ao isolamento social a enunciados que são contrários. Isso se dá, em primeiro lugar, por uma relação entre dizeres (as perguntas e os boxes com informações que se contrapõem aos argumentos iniciais dos entrevistados). Ocorre, também por fazeres, entre os quais se destaca a providência de a equipe de produção do filme publicitário ter trazido membros da família de cada entrevistado. Não faz diferença se são atores, em ambos os casos. Esses sujeitos, enquanto personagens, são confrontados por um fazer que resiste/enfrenta os seus dizeres (que são também compreensões, enquanto visões do isolamento social). Esse fazer altera, no filme, o posicionamento



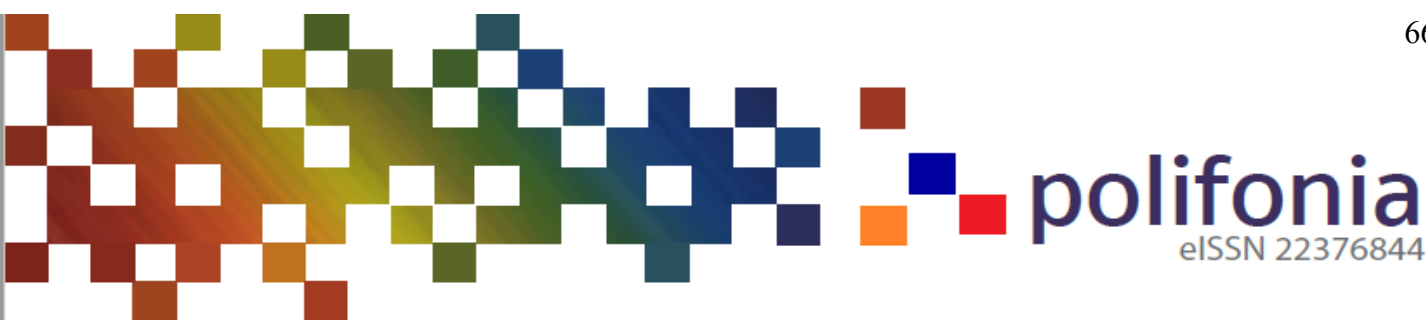
dos entrevistados, desde a relação dos seus corpos (expressões faciais de choque, de profunda emoção, mudança de uma posição corporal de altivez para uma de abalo emocional). Há uma mudança de compreensões que constituem os sujeitos em outros atos, com outras arquitetônicas.

Com relação aos silêncios, as compreensões e os dizeres dos entrevistados, que respondiam favoravelmente a dizeres e fazeres negacionistas dos saberes médicos, parte de um silêncio por monumento (insistência na posição, independente de argumentos) para um silêncio por excesso, a partir do momento em que os signos de presença dos familiares, com seus corpos no mesmo ambiente, sobrepõe os signos de negação dos riscos, ao se negligenciar ou negar o isolamento social.

Com relação aos corpos, os enunciados de negação da importância do isolamento social suscitam uma presença dos corpos na circulação dos ambientes de trabalho e nas cidades e estradas. Por outro lado, os enunciados que são favoráveis ao isolamento social suscitam a ausência desses corpos na circulação de pessoas que não exercem atividades de emergência ou de suporte a funções vitais como alimentação, assistência de saúde e logística para essas duas atividades. Complementarmente, suscita a presença desses corpos em ambientes de maior controle e menor contato, como as residências.

Do ponto de vista dos enunciados jurídicos, esses enunciados favoráveis ao isolamento social podem ser compreendidos arquitetonicamente como cerceamento de liberdade. Em face de fazeres que são da natureza das dificuldades de os sistemas de saúde lidarem com a curva exponencial de crescimento da covid-19 e da rápida taxa de letalidade, esses enunciados de cerceamento podem ser sobrepostos (silêncio por excesso), por enunciados de cuidados emergenciais, necessários.

Para finalizar, diferentemente de uma tradição de enunciados que afirmam o sentido da participação política e cidadã pela presença nas ruas, nas praças e nos espaços públicos (desde a época da pólis ateniense), no encadeamento de acontecimentos do contexto brasileiro, esses enunciados de fazer (manter isolamento social) e não ir aos espaços públicos a não ser em emergências, constitui uma réplica de resistência. Os signos de ausência desses corpos que *não estão* responde a políticas de governo negacionistas e com pouco ou mal planejamento e com descompromisso ideológico para com a saúde da população.



Temos, aí, uma corrente enunciativa na qual se encontra a visão e a presença/ausência. A visão da ausência de corpos circulando pelos espaços públicos, verbivocovisualmente, também se constitui como uma instância enunciativa de um fazer. Um fazer que é, ao mesmo tempo, um dizer sobre o cuidado, sobre os direitos mais fundamentais dos cidadãos em um regime que se pretenda democrático e eticamente comprometido com a vida e a participação política das pessoas.

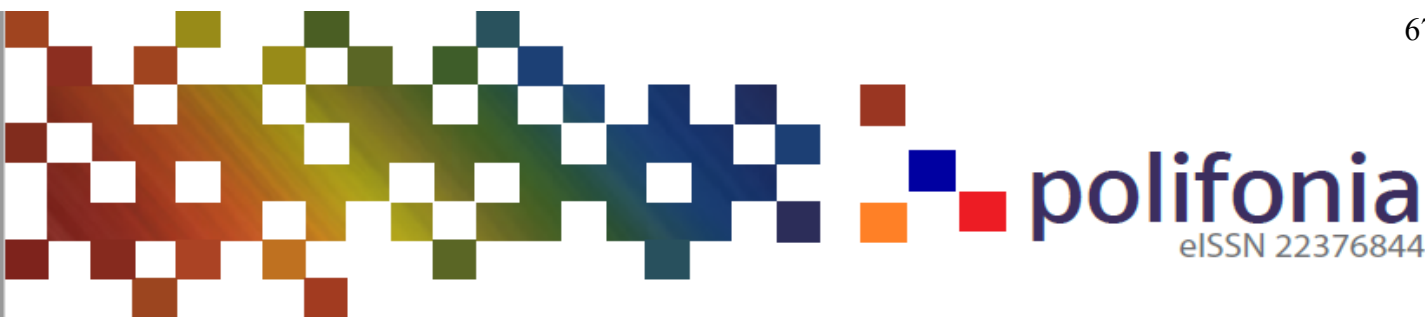
A ausência dos corpos nos espaços públicos, junto à ausência de som de seu deslocamento, cronotopicamente ressignifica os espaços de constituição desses sujeitos. Nessa temporalidade de espera, ainda que angustiante, os signos de ausência suscitam, enunciativamente, compreensões e fazeres de cuidado e de compromisso ético para com a própria saúde e a saúde alheia.

5. Penúltimas réplicas

Os objetivos deste artigo foram discutir e analisar a) a constituição intersubjetiva e alteritária desses corpos na corrente dos enunciados, tratando os corpos como signos desses enunciados e b) os silêncios que participam dessa corrente enunciativa de corpos, na unidade dos acontecimentos concretos e únicos.

Procuramos, de maneira breve, pensar a questão dos corpos como enunciados, tendo em vista que esse conceito bakhtiniano, no nosso entender, permite, tanto pelo que já declara, quanto pelas extensões e explicitações possíveis de suas entrelinhas, considerar, por um lado, também as instâncias de fazeres, silêncios, além dos dizeres e compreensões. Por outro lado, permite considerar, de maneira indissociável, várias semioses.

A campanha aqui analisada e discutida também alude, enquanto réplica, a um perverso voyeurismo às avessas por parte do governo federal, que tem como vontade discursiva ver os corpos em presença expondo-se aos riscos de contágio da covid-19. No contexto brasileiro a condição de escolha de poder cumprir o isolamento social demarca fronteiras entre os que podem morar em locais que não sejam conglomerados por si só; que tenham provisionamento de água tratada e rede de escoamento de esgoto; que tenham poder aquisitivo para continuarem se alimentando e solicitando os produtos sem sair de casa; dos que podem exercer trabalho remoto. Sob o argumento falacioso de falência da economia como risco mais danoso que a morte, esses dizeres se constituem



fazerem que silenciam o projeto de desmonte de direitos fundamentais e ignora a excepcionalidade das condições da pandemia, que desacelera, paralisa não somente as práticas econômicas, mas atinge todas as instâncias de inter-relação entre pessoas e instituições.

Nesse encadeamento verbivocovisual, esses corpos constituem os sujeitos e são constituídos por eles, na arquitetônica concreta das relações de alteridade que a sustenta e que dela decorre. Esperamos ter não somente contribuído para a temática desse dossiê, mas igualmente ter exercido um ato responsável em relação a essa corrente de enunciados concretos nesse momento histórico em que nossas réplicas são fazerem, ou que reafirmam a vida e a dignidade ética das pessoas, ou, em outra direção, se faz cúmplice de enunciados que, por meio de corpos relegados ao temor e aos riscos de morte, são, também, silêncios que monumentalizam a submissão.

6. Referências

- BACHTIN, M. M. Per una filosofia dell'atto responsabile. *MICHAEL BACHTIN ED IL SUO CIRCOLO. OPERE 1919-1930*. A cura di Augusto Ponzio com la collaborazione di Luciano Ponzio per la traduzione di russo. Milano: Bompiani, 2014.
- BAKHTIN, M. M. Por uma Metodologia das Ciências Humanas. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017 [1975].
- BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Tradução e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016
- BAKHTIN, M. M. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: HUCITEC Editora, 2013.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a [1979].
- BAKHTIN, M. M. *Toward a Philosophy of the Act*. Tradução Vadim Liupanov. Austin: Texas University Press, 1993.
- BAKHTIN, M. M. *Estetika Slovesnogo Tvortchéstva*. Moskvá: Iskústivo, 1979.
- EINSTEIN, A. Apresentação. In JAMMER, Max. *Conceitos de Espaço. A história das teorias do espaço na física*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC-RIO, 2010, p. 15-22.
- MCCAW, D.. Corpo em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, 14 (3): 35-56, julho/set. 2019.
- PAULA, L.; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 179-180, jan./jun. 2017.
- STAFUZZA, G. B.; LIMA, G. O. Diálogo e verbivocovisualidade em 'Cantada' (2014) de Porta dos Fundos. *PROLINGUA*, UFPB, v. 12, n. 2, p. 97-109, set/out. 2017.



TERESINA. PIAUÍ. Prefeitura Municipal. Fundação Secretaria Municipal de Saúde. O que é pior – isolamento social ou coronavírus ?. Vídeo. Colorido. 1Min59seg. 2020, Disponível em <https://youtu.be/x3eZcmkxbxo> Acesso em 30 maio de 2020.

VILLARTA-NEDER, M. A. Verbivocovisualidade no documentário *Histórias de quando a água chegou*: ato responsável e diálogo na constituição intersemiótica. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 3, p. 1657-1672, dez. 2019b.

VILLARTA-NEDER, M. A. Sobre silêncios e sentidos. In STAFUZZA, Grenissa B.; FONSECA, João Paulo A. *Estudos Discursivos em Múltiplas Perspectivas*. Discurso, sujeito, sociedade. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2019a.

VÓLKOVA AMÉRICO, E. *Alguns aspectos da Semiótica da Cultura de Iúri Lótman*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa. Área de Concentração: Literatura e cultura russa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do Discurso Literário II: A construção do enunciado. In VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia. Ensaaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930].

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].